



CINEMA, AÇÃO CULTURAL E MEDIAÇÃO EM BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS: RELATO DE EXPERIÊNCIA DO CLUBE DE CINEMA DA BIBLIOTECA DE SÃO FRANCISCO XAVIER

Marcus Rei de Lima Alves
Universidade de São Paulo (USP)
marcusreisfx@gmail.com

Cláudia Pereira de Jesus Carvalho
Universidade Estadual Paulista (UNESP)
claudia.carvalho@unesp.br

Resumo: Assistir filmes é uma prática social amplamente difundida. Entende-se o cinema enquanto linguagem, arte, cultura, forma de expressão e entretenimento. Obras cinematográficas podem conter diversas questões de ordem estética, política, ideológica, sociocultural, entre outras. Sendo assim, seu consumo através das atividades de mediação pode ser utilizado para estimular a reflexão. A ação cultural compreende atividades de mediação, comunicação, interação, reflexão, apropriação e criação. O trabalho de mediação da informação parte do pressuposto que o usuário é sujeito ativo do processo, considerando sempre a natureza dialógica da ação cultural. Esse trabalho objetiva compartilhar, discutir e analisar as ações desenvolvidas no Clube de cinema da Biblioteca Solidária Sidnei Pereira da Rosa, localizada no distrito de São Francisco Xavier, Município de São José dos Campos, São Paulo. Trata-se de pesquisa de natureza qualitativa, com propósito exploratório descritivo. Utiliza como metodologia o relato de experiência e como instrumento de coleta de dados a pesquisa bibliográfica e documental. Ao discutir a prática das ações culturais no âmbito das bibliotecas comunitárias, à luz dos conceitos de mediação e ação cultural, observou-se que os clubes de cinema são ferramentas com múltiplas oportunidades, como lazer, entretenimento, ação cultural, ao mesmo tempo em que trabalham compartilhamento de experiências, pensamento crítico, criatividade, senso estético, expressão, conscientização política. Desse modo, entende-se que os clubes de cinema em bibliotecas atuam na intersecção que une as obras cinematográficas, as atividades de ação cultural e o trabalho de mediação da informação. Conclui-se que o trabalho de mediação realizado através de Clubes de Cinema oportuniza espaços de interação social que possibilitam discussão e problematização de questões sociais fundamentais, podendo ser utilizados como ferramenta para formar, desenvolver e aperfeiçoar uma visão crítica em seus participantes, favorecendo que os cidadãos tenham mais consciência social. Apresenta-se ainda planos para o futuro do clube no período pós pandêmico.

Palavras-Chave: Biblioteca comunitária; Ação cultural; Clube de cinema; Mediação cultural; Biblioteconomia.

MOVIES, CULTURAL ACTION AND MEDIATION IN COMMUNITY LIBRARIES: EXPERIENCE REPORT OF THE MOVIE CLUB OF THE SÃO FRANCISCO XAVIER LIBRARY

Abstract: Watching movies is a widespread social practice. Movie is understood as a language, art, culture, form of expression and entertainment. Cinematographic works may contain various esthetic, political, ideological, socio-cultural issues, among others. Therefore, its consumption through mediation activities can be used to stimulate reflection. Cultural action comprises

activities of mediation, communication, interaction, reflection, appropriation and creation. The mediation of information activity assumes that the user is an active subject of the process, always considering the dialogic nature of cultural action. This paper aims to share, discuss and analyze the actions developed in the Movie Club of the Biblioteca Solidária Sidnei Pereira da Rosa, located in the district of São Francisco Xavier, in São José dos Campos, São Paulo State. This is a qualitative study, with a descriptive exploratory purpose. It uses the experience report as a methodology and bibliographic and documentary research as data collection instrument. When discussing the practice of cultural actions within the scope of community libraries, in the light of the concepts of mediation and cultural action, it was observed that movie clubs are tools with multiple opportunities, such as leisure, entertainment, cultural action, while working sharing experiences, critical thinking, creativity, esthetic sense, expression, political awareness. In this way, movie clubs in libraries are understood to act at the intersection that unites cinematographic works, cultural action activities and mediation of information. It is concluded that the mediation work carried out through Movie Clubs provides spaces for social interaction that enable discussion and problematization of fundamental social issues, and can be used as a tool to form, develop and improve a critical view in its participants, favoring citizens with more social awareness. It also presents plans for the future of the club in the post-pandemic period.

Keywords: Community library; Cultural action; Movie club; Cultural mediation; Librarianship.

CINE, ACCIÓN CULTURAL Y MEDIACIÓN EN BIBLIOTECAS COMUNITARIAS: RELATO DE LA EXPERIENCIA DEL CINECLUB DE LA BIBLIOTECA SÃO FRANCISCO XAVIER

Resumen: Ver películas es una práctica social muy difundida. El cine se entiende como lenguaje, arte, cultura, una forma de expresión y entretenimiento. Las obras cinematográficas pueden contener varias cuestiones de orden estético, político, ideológico, sociocultural, entre otras. Por lo tanto, su consumo a través de actividades de mediación puede servir para estimular la reflexión. La acción cultural comprende actividades de mediación, comunicación, interacción, reflexión, apropiación y creación. El trabajo de mediación de la información parte del supuesto de que el usuario es un sujeto activo del proceso, considerando siempre el carácter dialógico de la acción cultural. Este trabajo tiene como objetivo compartir, discutir y analizar las acciones desarrolladas en el cineclub de la Biblioteca Solidaria Sidnei Pereira da Rosa, ubicada en el barrio de São Francisco Xavier, Municipio de São José dos Campos, São Paulo. Se trata de una investigación cualitativa, con propósito exploratorio descriptivo. Utiliza como metodología el relato de experiencias y como instrumento de recopilación de datos la investigación bibliográfica y documental. Al discutir la práctica de acciones culturales en el ámbito de las bibliotecas comunitarias, a la luz de los conceptos de mediación y acción cultural, se observó que los cineclubes son herramientas con múltiples oportunidades, como ocio, entretenimiento, acción cultural, al mismo tiempo en que trabajan puntos como intercambio de experiencias, pensamiento crítico, creatividad, sentido estético, expresión y conciencia política. Así, se entiende que los cineclubes en las bibliotecas actúan en la intersección que une las obras cinematográficas, las actividades de acción cultural y la labor de mediación de la información. Se concluye que el trabajo de mediación realizado a través de los Cineclubes proporciona oportunidades de interacción social que permiten debatir temas sociales fundamentales, y puede ser utilizado como una herramienta para formar, desarrollar y mejorar una visión crítica en sus participantes, fomentando en los ciudadanos una mayor conciencia social. También presenta los planes para el futuro del club en el periodo post-pandémico.

Palabras clave: Biblioteca comunitaria; Acción cultural; Cineclub; Mediación cultural; Biblioteconomía.

1 INTRODUÇÃO

Assistir filmes é uma prática social amplamente difundida. O cinema, pontua Barroso (1946, p. 34), possui várias dimensões e finalidades: “[...] simples diversão, para quase todos, como o é aliás a literatura, a música e até a pintura. Mas não faz mal, pois uma de suas funções é precisamente divertir [...]. Cinema é, porém, arte também.”

Entende-se o cinema enquanto linguagem, arte, cultura, forma de expressão e entretenimento. Assim, no esteio do cinema surgiram atividades e sociabilidades, como jornais e revistas especializadas, críticos, agentes envolvidos na produção dos filmes, cineclubes, encontros e seminários, mostras e festivais, cursos livres e departamentos nas universidades, escolas e institutos de cinema (GUSMÃO, 2008).

Obras cinematográficas podem conter diversas questões de ordem estética, política, ideológica, sociocultural, entre outras. Sendo assim, seu consumo, através das atividades de mediação, pode ser utilizado para estimular a reflexão.

A ação cultural compreende atividades de mediação, comunicação, interação, reflexão, apropriação e criação. O trabalho de mediação da informação, parte do pressuposto de que o usuário é sujeito ativo do processo, considerando sistematicamente a natureza dialógica da ação cultural.

Desta forma, este trabalho objetiva compartilhar, discutir e analisar as ações desenvolvidas no Clube de Cinema da Biblioteca Solidária Sidnei Pereira da Rosa, localizada no distrito de São Francisco Xavier, Município de São José dos Campos, São Paulo.

Trata-se de pesquisa de natureza qualitativa, com propósito exploratório descritivo. Utiliza como metodologia o relato de experiência e como instrumento de coleta de dados a pesquisa bibliográfica e documental. O aporte teórico teve como base estudos que discutem as práticas das mediações, ações culturais, clubes de cinema, no âmbito das bibliotecas.

O relato de experiência sempre é feito por alguém inserido nos processos narrados, é a descrição que um autor ou uma equipe fazem de uma vivência profissional que contribua de forma relevante para sua área de atuação, com a discussão e a proposição de distintas ideias (MUSSI; FLORES; ALMEIDA, 2021).

Portanto, a fim de alcançar o objetivo aqui proposto, estruturamos o trabalho da seguinte forma: a segunda seção aborda conceitualmente os trabalhos de mediação e ação cultural em bibliotecas; a terceira, busca traçar um breve histórico da formação dos clubes de cinema e suas principais características; a quarta, descreve-se a biblioteca comunitária

alvo deste estudo; a quinta seção, adentra no detalhamento das atividades desenvolvidas no Clube de Cinema da instituição descrita; e, por fim, nas considerações finais, são formalizadas críticas e sugestões.

2 MEDIAÇÃO/AÇÃO CULTURAL

As diversas delimitações conceituais da mediação da informação peremptoriamente partem do entendimento do usuário como participante ativo do processo, com possibilidade de interferência e não enquanto mero receptor.

Almeida Júnior (2009, p. 92) define mediação da informação como “[...] toda ação de interferência – realizada pelo profissional da informação –, direta ou indireta; consciente ou inconsciente; singular ou plural; individual ou coletiva; que propicia a apropriação de informação que satisfaça, plena ou parcialmente, uma necessidade informacional.”

Ademais, em se tratando de mediações realizadas no âmbito de unidades informacionais e equipamentos culturais, é necessário relembrar dos outros elementos envolvidos no processo de mediação da informação, além do usuário:

o produtor do suporte informacional [...]; o momento em que a informação está sendo mediada (independente da época em que o suporte foi produzido), momento esse que pode determinar formas de apropriação; o suporte da informação (os tipos de suportes possuem linguagens próprias e diferentes); o ambiente informacional onde a mediação ocorre (a forma como está organizado; a construção; se virtual ou físico etc.); o mediador, que interferirá a partir de suas concepções e formas de ver e entender o mundo (LOUSADA; ALMEIDA JÚNIOR, 2012, p. 262).

Conforme sustentam Perrotti e Pieruccini (2014), a mediação, nas suas mais variadas configurações, será situacional. Os autores argumentam que a mediação cultural é sempre uma noção em expansão, ela é dinâmica porque possui uma articulação permanente com os processos e transformações sociais. Existem diversos tipos de mediação e de mediadores. Entende-se, desse modo, que a forma de se mediar algo estará ligada às práticas sociais e às possibilidades tecnológicas daquele período e localidade.

Perrotti e Pieruccini (2014) defendem que atualmente a Biblioteconomia encontra-se sob o paradigma da “apropriação cultural”, paradigma este que está diretamente relacionado à noção de mediação. Para compreensão do processo de mediação, os autores propõem o modelo triádico (mediação - produção - recepção), onde teremos um objeto a ser mediado, a figura do mediador e o sujeito que busca essa

mediação. Complementam afirmando que "Mediar é ato autônomo e afirmativo de criação. Do mundo e de sentidos para ele." (PERROTTI; PIERUCCINI, 2014, p. 19).

O trabalho de mediação, e, conseqüentemente, dos mediadores, segundo constata Almeida (2008, p. 21) visa

[...] garantir a ampliação da comunicação e o equilíbrio da distribuição de saberes, criando, assim, sujeitos socialmente "mais competentes" (no sentido de um processo de empowerment, de "empoderamento", de transmissão de poder aos sujeitos). [...] E é aqui que o mediador joga um papel estratégico e fundamental: o de intermediação cultural entre essa realidade e os sujeitos.

Almeida (2008) enfatiza a perspectiva política e cultural das atividades de mediação. O autor reitera que a noção de mediação está intrinsecamente ligada às chamadas teorias da ação, neste sentido, os atos de mediação sempre estarão situados em sistemas sociais maiores. Conseqüente, as mediações serão vínculos instituídos entre estímulos, sejam eles a nível individual ou coletivo, e as ações sociais.

Em se tratando de ações culturais, os processos demandam que se produzam as conjunturas fundamentais para que os indivíduos criem seus próprios fins e sejam sujeitos da cultura e não apenas seus objetos (SANTOS, 2015). Na mesma linha argumentativa, de acordo com Cabral (1989, p. 157), "O agente cultural bibliotecário deve tornar a biblioteca um local propício ao diálogo e ao exercício da produção e criações culturais."

Complementando essa relação da ação cultural com a mediação, conforme conceitua Almeida Junior (2021, p. 12) "[...] a mediação da informação pressupõe que o conhecimento é construído individualmente, pelo sujeito informacional, mas sempre e necessariamente na relação desse sujeito com os outros e com o mundo."

O conceito de mediação cultural elaborado por Coelho (1997, p. 248) estabelece o envolvimento de

Processos de diferente natureza cuja meta é promover a aproximação entre indivíduos ou coletividades e obras de cultura e arte. Essa aproximação é feita com o objetivo de facilitar a compreensão da obra, seu conhecimento sensível e intelectual [...] Os diferentes níveis em que essas atividades podem ser desenvolvidas caracterizam modos diversos da mediação cultural, como a ação cultural, a animação cultural e a fabricação cultural.

Segundo Coelho (1989), as ações culturais possuem natureza dialética e dialógica e devem ser elaboradas de forma a mobilizar as três esferas da vida: a imaginação, a ação e a reflexão. O autor complementa que os bibliotecários, ainda que não tomem esse papel para si, estão numa posição que oportuniza exercerem a função de agentes culturais.

É possível e necessário que as atividades e eventos disponibilizados através das ações culturais ofereçam aos participantes o acesso, uso, apropriação, criação, produção, diálogo e interação. É isso que defendem Sanches e Rio (2010, p. 115):

A ação cultural que queremos enfatizar constitui-se como um ato de reflexão política e democrático. Ação que organize meios que desperte a valorização e transformação do espaço sociocultural, ao promover atividades construídas organicamente, isto é, constituída mediante as circunstâncias vividas como experiências humanas, potencialize e fomente a capacidade criativa de repensar o novo a partir do antigo, num efeito de superação mediada por um processo contínuo de emancipação intelectual.

A ação cultural, salienta Gonçalves (2011, p. 39), é pautada na comunicação, nasce do diálogo, da liberdade e da participação ativa e decisiva do público. As ações culturais nas bibliotecas, destaca Santos (2017, p. 15), “[...] devem ser periódicas e não esporádicas, pois assim cria-se a cultura da participação e tornando os sujeitos ativos no processo de criação.”

Além disso, a realização da ação cultural não precisa ficar restrita ao espaço físico da biblioteca. O bibliotecário pode desenvolver ações em diversos locais, seja porque firmou parceria com outras instituições, pessoas ou grupos, ou no intuito de chamar a atenção de usuários potenciais, de divulgar a biblioteca como espaço de cultura, ou na busca de lugares mais acessíveis a toda a comunidade (ALMEIDA, 1987).

De modo sintético, a ação cultural é “[...] o conjunto de ações desenvolvidas com o objetivo de criar condições de interação aos usuários e visitantes ao acervo da biblioteca bem como o acesso às informações culturais.” (ANDRETTI; CALEGARO; MACHADO, 2008, p. 192). No entanto, é preciso se atentar para que as atividades não se concentrem apenas no acervo, uma vez que o universo informacional disponível é imenso, possibilitando a diversidade cultural.

Gomes, Andrade e Maheirie (2022) entendem a mediação audiovisual como um modo de educação continuada ou permanente, pautada no diálogo e orientada para a construção de saberes. Os autores explicam que metodologicamente, esse tipo de mediação acontece ao menos em dois tempos: primeiro assistir a uma obra e depois discutir em grupo. Neste sentido, a mediação envolvendo obras audiovisuais promovem o encontro entre espectador e obra e, ainda, o encontro entre espectadores, numa confluência de ideias.

3 CLUBES DE CINEMA

Os primeiros registros de iniciativas que se aproximam do que hoje se entende por clube de cinema datam de 1911, na França, o “Club des Amis du Septième Art”, tratava-se de uma reunião de amigos com o propósito de assistir filmes e partilhar apreciações sobre a obra. Já a primeira menção ao termo cineclube data de 1920. No contexto brasileiro, o primeiro cineclube foi fundado em 1928, no Rio de Janeiro (GUSMÃO, 2008).

A existência do cineclubismo acompanha a própria história do cinema. Surgiram como parte do processo de legitimação cultural do cinema, tentando afirmá-lo enquanto uma arte e aproximá-lo da classe intelectual (GUSMÃO, 2008; PEREIRA, 2017; SALES, 2015). De alguns cineclubes surgiram grandes cineastas, como Jean-Luc Godard, François Truffaut, Alain Resnais, Glauber Rocha e Cacá Diegues (PEREIRA, 2017).

De acordo com a Federação Portuguesa de Cineclubes (2018, *online*), “Um cineclube é constituído por um grupo de pessoas que, em última análise, pretende promover a cultura cinematográfica, estimulando os seus membros a ver, discutir e refletir sobre cinema.” Complementarmente, podemos entender que os cineclubes se apresentam como

[...] espaços democráticos, educativos, políticos, sem fins lucrativos que contribuem na formação de público, porque não só estimulam as pessoas a assistirem a obras audiovisuais, como também promovem rodas de discussões. As obras exibidas ainda colocam o espectador em contato com diferentes cinematografias, narrativas, estéticas e culturas. (INSTITUTO DE CINEMA DE SÃO PAULO, 2022, *online*).

A prática cineclubista, conforme Pereira (2017), gravita em torno de três questões fundamentais: uma sociabilidade de caráter que tende para o mais formal, o clubismo e o interesse pelo cinema. Portanto, nessa perspectiva, a pessoa que participa de um clube de cinema une a apreciação por filmes, o pertencimento a um grupo com interesses comuns e o relacionamento interpessoal.

O Instituto de Cinema de São Paulo (*online*) lista entre os principais objetivos dos cineclubes: “refletir sobre a linguagem do cinema, possibilitar a experiência fílmica como ferramenta de educação, estimular o desenvolvimento do pensamento crítico.”

Basicamente, um clube de cinema pode ser desenvolvido de três modos: por um grupo de pessoas, de modo informal; como uma associação formal autônoma, geralmente instituindo uma entidade sem fins lucrativos; ou associado a entidades formais que tenham como objetivo a promoção cultural, como bibliotecas, arquivos, museus, centros culturais.

Alguns cineclubes adquirem seu próprio acervo e os aparatos tecnológicos necessários para exibirem sessões de cinema. Esse tipo de cineclubes costuma cobrar uma mensalidade dos associados ou cobrar ingresso dos não associados. Nesse caso, embora o lucro não seja um objetivo, a arrecadação de dinheiro é necessária para a manutenção das atividades e do acervo (FEDERAÇÃO PORTUGUESA DE CINECLUBES, 2018, *online*).

Os processos de trocas e interações sociais estão no cerne dos clubes de cinema. Outro ponto a se destacar é que “a associação, frequência e envolvimento pessoal nas atividades de cineclubismo, compreende apenas um dos círculos sociais aos quais pertencem os sujeitos [...] Da mesma forma que os sujeitos sociais possuem diversas esferas de atuação” (PEREIRA, 2017, p. 75). Deste modo, um elemento importante para se compreender o funcionamento de um clube de cinema é considerar que os participantes trazem conhecimentos e experiências de acordo com seu perfil, suas ocupações, faixa etária, escolaridade, classe social, gênero, bagagem de leitura, entre outras características que irão influenciar na sua análise da obra cinematográfica.

No entanto, a despeito dessa diversidade de perfis e personalidades, algumas pesquisas demonstram que a prática do cineclubismo, comumente, parte de integrantes da classe média intelectualizada (BUTRUCE, 2003; GUSMÃO, 2008; PEREIRA, 2017).

Ao traçar o percurso sócio-histórico dos clubes de cinema no Brasil, Gusmão (2008, p. 13) afirma que ser cinéfilo “[...] implica conquistar um certo grau de intimidade com a sétima arte, ter acesso à literatura específica da área e possuir algum conhecimento sobre a técnica cinematográfica e possuir algum domínio da teoria do cinema.” Assim, embora muitos cinéfilos estejam associados a clubes de cinema, ou até mesmo sejam os responsáveis por um, não é necessário ser cinéfilo para praticar o cineclubismo. O papel desses espaços também é o de sociabilidade para a formação cultural, atuando na educação contínua dos sujeitos e contribuindo para a construção de conhecimentos.

Em sua dissertação, Pereira (2017) aborda experiências de paixão cinéfila a partir de contextos cineclubistas; segundo a análise do autor, a prática do cineclubismo propicia uma “[...] rede de sociabilidade intelectual, que envolve, em graus e intensidades diferentes, sujeitos, instituições, ideias e lugares em experiências de ordem política, artística e intelectual, além de questões de ordem afetiva, de amizades.” (PEREIRA, 2017, p. 16-17). Nesse contexto, diferentes concepções se entrelaçam no momento das discussões, abrindo caminhos para novas interpretações da obra ou das temáticas.

Um dos elementos que costumam caracterizar o perfil do público frequentador e explicar a regularidade nos encontros, de acordo com as pesquisas realizadas por Pereira

(2017), dizem respeito à localização geográfica dos participantes; geralmente, são pessoas que habitam uma mesma região, bairro ou cidade. No entanto, essa característica fica superada quando falamos de cineclubes que ocorrem nos ambientes digitais, uma vez que a internet elimina as barreiras geográficas, possibilitando uma maior variedade de participantes, independente da distribuição territorial de suas residências.

Santos (2017, p. 14), apresenta em seu trabalho experiências e propostas de atividades de ação cultural, entre as quais o cine-debate. Quanto à escolha das obras a serem discutidas, a autora argumenta sobre a importância de se priorizar a pluralidade e levantar temáticas relevantes socialmente, orientando que os filmes devem “[...] privilegiar temáticas que forneçam conhecimento à diversidade cultural e apresentar temas de efeito reflexivo à condição de minorias: negros, homossexuais, indígenas, mulheres entre outros. Além disso, mostrar a realidade cultural de países diferentes dos nossos.”. Teremos, destarte, o cinema exortado como atividade reflexiva e contributo social.

Com encontros que acontecem em algum lugar específico, com certa periodicidade e objetivo determinado, os clubes de cinema promovem o compartilhamento de opiniões, pontos de vista e experiências pessoais, tornando-se desse modo, “[...] um campo de comunicação em que indivíduos com valores e hábitos diferentes, muitas vezes conflitivos, podem articular maneiras de tornar as suas experiências dotadas de sentido para os outros.” (SILVA, 2013, p. 213).

Portanto, enquanto atividade cultural, os cineclubes se traduzem como valorosa ferramenta de interação social, que alicerçam-se no fomento ao consumo, reflexão e construção de conhecimentos, geralmente ultrapassando a superficialidade que muitas vezes acompanha o mero entretenimento, promovendo o entrecruzamento de diferentes experiências e concepções sobre o cinema e a sociedade, englobando questões das mais variadas ordens, cultural, social, linguística, econômica, estética, midiática, educacional, política, entre outras.

4 BIBLIOTECA SOLIDÁRIA SIDNEI PEREIRA DA ROSA

Antes de realizar um breve traçado histórico da Biblioteca e de suas ações, vale contextualizá-la geograficamente, uma vez que entendemos que as necessidades e as condições locais, incidem sobre a formação e a construção dos ambientes sociais. A Biblioteca está localizada em São Francisco Xavier, um dos distritos que compõem o município de São José dos Campos, interior do estado de São Paulo.

São Francisco Xavier está a cerca de 60 km de distância do município, é situado aos pés da Serra da Mantiqueira e considerado uma Área de Proteção Ambiental (APA) Federal, Estadual e Municipal (SÃO JOSÉ DOS CAMPOS, 1992; SÃO PAULO, 2002). Essa característica somada às paisagens do distrito, faz com que o local seja conhecido por seu turismo ambiental. Este, é reforçado pelos esportes e os próprios atrativos naturais, como as paisagens, cachoeiras, trilhas.

Da mesma forma, a realização de determinadas atividades durante os anos, culminaram no desenvolvimento do turismo cultural. A cultura local reforça as tradições advindas do tropeirismo. Anualmente, acontecem os encontros dos cavaleiros e as comemorações dos santos padroeiros do Distrito; além da festa julina na praça central.

Como exemplo, durante os anos de 2008 a 2015, aproximadamente, o Distrito recebeu o “Festival da Mantiqueira – Diálogos com a Literatura”, um dos eventos mais importantes voltado para o campo da cultura literária no Estado, patrocinado pelos governos estadual e municipal, além de incentivos privados. A última realização do evento foi em 2016, organizado pela própria população local, visto que não houve fomento do poder público estadual; o municipal apoiou com infraestrutura.

Quanto aos dados demográficos, o Distrito possui cerca de 3.852 habitantes, conforme o Censo do IBGE de 2010 (SÃO JOSÉ DOS CAMPOS, 2018); a maioria desta população reside nos mais de 25 bairros rurais.

Em diversos bairros que compõem a zona rural, principalmente os mais afastados do Centro, o acesso à internet é escasso. Este foi um dos problemas encontrados para alcançar este público durante a pandemia, com as ações realizadas pela Biblioteca Solidária. Desta forma, é importante ressaltar essa questão, uma vez que delimita os públicos para as atividades que são realizadas no Centro de São Francisco. Além de que, apesar da presença de uma grande comunidade rural, não há transporte público que circule no interior do Distrito. Portanto, os habitantes que não possuem transporte privado, a locomoção para acessar, até mesmo serviços básicos (saúde, por exemplo), é uma problemática. As crianças e adolescentes, principalmente, a única possibilidade de acesso ao Centro, é através do transporte escolar; logo, ações realizadas aos finais de semana - fora do horário de aula -, atendem somente a população central.

Ainda compõem o quadro demográfico de São Francisco, a população de segunda residência, isto é, indivíduos advindos de outros municípios, que se dividem entre as duas localidades: o Distrito e seu lugar de origem. Em sua maioria, com o passar dos anos, muitos fixam moradia no Distrito.

Distintas questões de âmbito social que rondam São Francisco, poderíamos levantar nesta exposição, mas julgamos necessário elencar algumas que seriam determinantes para este trabalho. E a carência de informações registradas, de cunho histórico e sociocultural, principalmente, é um hiato na história do Distrito. Deste modo, os seguintes parágrafos versam sobre a Biblioteca Solidária e suas ações.

O quadro de surgimento da Biblioteca Solidária, em 2002, se dá sob um contexto de ausências - sobretudo acerca da relevância do mundo da leitura, tanto pela concepção da população local, como para o próprio poder público, que até então não atuava em ações culturais-literárias no Distrito. Sidnei Pereira da Rosa, natural de São Francisco, foi uma figura significativa para tal compreensão na comunidade.

Sidnei formou-se em Biblioteconomia na Universidade Estadual de Londrina (UEL) e atuou em diversos setores da área ainda durante a graduação - tanto em bibliotecas públicas, comunitárias e universitárias. Após os estudos e o acúmulo de experiências profissionais, o bibliotecário voltou ao Distrito, com certa intenção de revitalizar a abandonada biblioteca pública (ALVES, 2021).

De um lado tinha: São Francisco Xavier, com uma comunidade de aproximadamente três mil habitantes, com um 'depósito' para armazenar livros - encontrado em situação de abandono dentro da antiga e já extinta cadeia pública. Também chamavam esse 'depósito' de biblioteca pública. E de outro lado: Sidnei, com diferentes ideias e ambições culturais para trabalhar com a própria comunidade (ALVES, 2021).

Percebendo a infeliz realidade da condição dos livros na prisão - comum em muitos municípios brasileiros -, o bibliotecário entrou em contato com o poder público. Sem sucesso, conversou com moradores locais e pessoas de segunda residência, para iniciar uma biblioteca independente de financiamento público, comunitária (ALVES, 2021).

Desde o princípio, a ideia central do bibliotecário era promover um espaço comum a todos os moradores e turistas, e que promovesse acesso à cultura e à informação, sem distinção (ASSOCIAÇÃO AMIGOS DA BIBLIOTECA, 2022). Dessa forma, sem um espaço determinado no distrito para organizar a biblioteca, os pais do Sidnei cederam a própria casa onde moravam e aos poucos as doações de livros, jornais e revistas começaram a chegar. Assim, surgiu a Biblioteca Solidária!

A adesão da comunidade local e de empresas/instituições da região foi tamanha, que para participar de editais e de outros processos para arrecadar recursos financeiros,

em 2004, Sidnei fundou a Associação Amigos da Biblioteca, com a única e exclusiva finalidade de amparar juridicamente a Biblioteca Solidária (ALVES, 2021).

De um modo geral, podemos dizer que o bibliotecário trouxe à São Francisco a importância de uma biblioteca para a comunidade. Nos últimos seis meses de vida, em 2019, Sidnei batalhou contra um câncer e, infelizmente, não venceu. Fez seu melhor para a ideia de uma biblioteca que seja comum a todos e todas, e colocou isso na prática (ALVES, 2021; ASSOCIAÇÃO AMIGOS DA BIBLIOTECA, 2022). A iniciativa a qual ele se dedicou de 2002 até 2019, atualmente, leva seu nome: Biblioteca Solidária Sidnei Pereira da Rosa.

O projeto Biblioteca Solidária, conforme demonstrado no site da Associação Amigos da Biblioteca (2022),

[...] é uma instituição de educação, cultura e fomento de informação, que atende toda a comunidade sem distinções. Atualmente ela estimula o hábito de leitura e facilita o acesso à informação para a população de São Francisco Xavier tão carente deste tipo de ação e tão importante para a formação de cidadãos conscientes.

É considerável evidenciar alguns títulos e prêmios quanto ao desempenho da Biblioteca Solidária e da Associação Amigos da Biblioteca. Em 2004, a biblioteca recebeu do Conselho Regional de Biblioteconomia, da 8ª região, o Prêmio Biblioteconomia Paulista “Laura Russo”. Em 2006, a Câmara Municipal de São José dos Campos concedeu à Associação o título de Utilidade Pública Municipal, reconhecendo sua atuação na promoção de acesso à cultura e à informação para a comunidade local, o estímulo à valorização da cultura regional e sua diversidade, além de contribuir para a educação e formação de jovens e crianças. A Associação também é um “Ponto de Leitura” e “Ponto de Cultura”, reconhecido pelos governos federal e estadual (ASSOCIAÇÃO AMIGOS DA BIBLIOTECA, 2022).

A gênese da Biblioteca Solidária, além de ser marcada pelo abandono da biblioteca pública, é reforçado pela necessidade informacional e literária de um grupo populacional muito caro: as crianças e jovens (ASSOCIAÇÃO AMIGOS DA BIBLIOTECA, 2022). Estes, não tinham contato ao universo simbólico dos livros, da leitura, da literatura. E Sidnei, como já mencionado, construiu pontes fundamentais com ações diversificadas.

De um modo geral, a Biblioteca atende um público muito diversificado, de todas as faixas etárias. Grande parte desses usuários é formada por crianças e adolescentes, em sua maioria oriundos de famílias de baixa renda, formadas por pequenos agricultores e comerciantes locais. Esse público reflete a realidade socioeconômica do Distrito. Além, é claro, de atender os moradores de segunda residência e turistas que o Distrito atrai.

Através da Associação Amigos da Biblioteca, muitas ações, com financiamentos público e privado, foram realizadas. O desenvolvimento dos projetos, de um modo geral, enquadra-se nos objetivos da instituição:

- 1) Contribuir para o aprimoramento cultural e educacional dos cidadãos na comunidade em que atua; 2) Apoiar atividades culturais, informacionais e educacionais, promovendo eventos, cursos, palestras; 3) Promover atividades relacionadas à cultura, artes, pesquisas científicas e ambientais; 4) Incentivar e estimular o acesso à cultura e informação junto à comunidade local. (ASSOCIAÇÃO AMIGOS DA BIBLIOTECA, 2022).

Nos dias de hoje, com apoio da Associação, a Biblioteca atua em diferentes projetos. Conta, em especial, com a parceria da Fundação Cultural Cassiano Ricardo, da Prefeitura de São José dos Campos, referente à manutenção da Biblioteca e ações de difusão cultural no Distrito (ASSOCIAÇÃO AMIGOS DA BIBLIOTECA, 2022). Tal parceria inclui a gestão da Casa de Cultura Julio Neme, outro importante centro cultural do Distrito, que realiza eventos que fortalecem a cultura local e suas diversidades.

O Projeto Voluntariado contempla quase que 100% das atividades desempenhadas pela Biblioteca. A partir dele, oficinas de yoga, elaboração corporal, dança do ventre, inglês, capoeira e outras, são realizadas semanalmente no salão de atividades da Biblioteca (atualmente vigentes). Tais oficinas são ministradas por moradores locais, que se prontificam a executá-las sem o retorno de recursos financeiros.

Entretanto, o início da pandemia, em março de 2020, marcou a paralisação dessas atividades e determinados eventos foram adaptados para o contexto virtual. A Biblioteca focou no trabalho interno durante os cinco primeiros meses de distanciamento social. Entre os meses de agosto e setembro de 2020, foi lançado o Clube de Leitura virtual, sendo encontros mensais, com o objetivo de discutir obras literárias e conversas com escritores - sobretudo os escritores locais. Outra atividade advinda do contexto de pandemia, foi o Clube de Cinema, a partir de outubro de 2020, objeto de análise deste trabalho.

5 CLUBE DE CINEMA DA BIBLIOTECA SOLIDÁRIA

Como ambientado na seção anterior, o contexto cultural de São Francisco Xavier é destaque, inclusive, no âmbito do turismo. E para o campo cinematográfico não seria diferente. Um morador local abria seu estúdio de fotografia para acolher, aproximadamente, cinquenta pessoas, a fim de exibir um filme e discuti-lo. Essa ação durou por volta de três anos e ocorreu até o advento da pandemia, em março de 2020.

Com o isolamento social, foi uma iniciativa da Biblioteca Solidária conversar com o fundador do clube presencial, para retornar os encontros, só que desta vez no formato

virtual. A então bibliotecária da unidade escreveu um projeto com a proposta da agenda, com foco em realizar encontros quinzenais e em diferentes formatos - não só os formais, de pura discussão do filme, como de sessões que sejam em uma configuração formativa, trazendo algum estudioso do campo para discorrer sobre determinado assunto do cinema.

A ideia central dos encontros, além de estabelecer um vínculo entre sujeitos que se interessam por cinema, a partir de então, objetivava criar sessões periódicas entre indivíduos de diferentes lugares, com o propósito de sugerir obras cinematográficas e promover discussões a partir delas. Vale destacar que a nova configuração do Clube não realizava exibição das obras, devido às leis nacionais de direitos autorais vigentes.

A proposta foi aceita pelo fundador do Clube! Ele passou à Biblioteca Solidária a lista de contatos dos que então participavam do Clube e o diálogo foi estabelecido. Publicado nas redes sociais da Biblioteca, a divulgação dos encontros foi ampliada, atingindo outros indivíduos, até mesmo de outras localidades.

Foi elaborado um formulário de inscrição, a fim de estabelecer uma comunicação com o público. Solicitamos dados básicos como: e-mail; nome completo; idade; na questão sobre local de residência, dentre as opções, inserimos o campo “segunda residência”, e caso a resposta fosse negativa, era fornecido um campo de descrição; número de contato, caso optasse por participar do grupo no WhatsApp; e, por fim, um item que questiona e relaciona vinte e uma preferências cinematográficas do inscrito (com a opção ‘outros’, no final).

Até a elaboração deste trabalho, temos 189 inscritos, no qual, destaca-se que 55 afirmam que residem em São Francisco Xavier, 30 são de segunda residência e 104 não moram no Distrito. Aos que afirmaram ‘não’, são salientados diferentes municípios, como São Paulo, Marília, Guarulhos, Americana, Ilhabela, Ribeirão Pires, Araçatuba, entre outros, e até mesmo São José dos Campos e Monteiro Lobato, cidades vizinhas do Distrito.

Apesar do grande número de inscrições, no ano de 2021, conforme o relatório anual de atividades da Biblioteca Solidária (disponível internamente), em média, 43 pessoas participaram mensalmente dos encontros do Clube; visto que as sessões ocorrem quinzenalmente, registra-se, aproximadamente, 21 participações por encontro.

A indicação e mediação de um encontro, se dá pelo convite do bibliotecário a um dos integrantes, tornando os mediadores rotativos e os encontros com perspectivas distintas, de acordo com a formação e as experiências de cada um. Desta forma, o convidado indica o filme, a Biblioteca Solidária confecciona o cartaz de divulgação e a

publicação é feita em diferentes plataformas: no grupo de WhatsApp dos inscritos, na lista de contato da Biblioteca e Facebook e Instagram também da Biblioteca. Com esta indicação, o mediador, carregado de sua experiência cinematográfica e de outras experimentações com as artes, inicia a sessão com alguns apontamentos e questionamentos para o debate coletivo. Normalmente, utiliza-se de uns 20 a 30 minutos para essa (des)construção. Com esse propósito, percebe-se que o convidado estuda, estrutura suas ideias, faz um levantamento de alguns vídeos, matérias de jornais e até mesmo outras representações artísticas para exibir, comentar e posteriormente compartilhar com os colegas. Distintos itens são ressaltados nesta breve apresentação, entre eles: a importância, formação, intenção e vivências do diretor para a criação da obra; a ambientação estética do filme; a fotografia; a temática abordada e seus contextos, desde o próprio roteiro, como suas representações reais; e outros pontos. De um modo geral, pode-se destacar que é uma produção de discurso muito subjetiva e que, portanto, isso justifica o empenho dos participantes na composição do debate.

Destaca-se que a discussão em torno da obra, contabilizando o introito do convidado, o encontro tem duração de uma hora e meia. Os participantes expõem seus pensamentos e há um respeito mútuo entre os integrantes, respeitando o tempo e a fala de cada um.

A Biblioteca Solidária possui, com certa periodicidade, em média dois estagiários a nível de graduação do curso de Biblioteconomia. Uma de suas atividades para o desenvolvimento do plano de atividades, é a indicação e mediação de uma sessão. É interessante quando esses encontros ocorrem, visto que o público frequentador, normalmente, são de sujeitos com mais de 50 anos. Desta forma, o debate circula em uma esfera de intergerações, dado que os estudantes possuem entre 17 e 25 anos.

Com o desenvolvimento do Clube, houve os encontros formativos, como descrito na proposta para início dos encontros virtuais. Já aconteceram três desta natureza, sob a responsabilidade de expositores/debatedores que são dedicados ao campo cinematográfico. Os encontros possuíram os seguintes títulos: a) “No reino das sombras: a história dos filmes”, com Gabriel Carneiro Nunes; b) “Direção, mulher e cinema: história de luta e resistência”, com Raíssa da Silveira Pimentel; e c) “O que tem o cinema a ver com o teatro?”, com Juliano Barone.

Tais sessões, de aproximadamente, duas horas - considerando a exposição do convidado e discussão -, foram ricas no intuito de trazer aos participantes perspectivas teóricas do campo cinematográfico. Além de que, a proposta do último formativo, por

exemplo, apresenta um contexto interdisciplinar entre duas áreas artísticas: cinema e teatro. A partir destas sessões, uma listagem de materiais complementares que realçam a discussão realizada, é disponibilizada a todos os inscritos do Clube. E, normalmente, gravamos para disponibilizar nas redes sociais e construir um material audiovisual para a Biblioteca, possibilitando que outros consigam assistir em ocasiões oportunas.

Alguns encontros já foram concebidos em conjunto com o Clube de Leitura da Biblioteca. Evidenciamos o último, mediado pelo bibliotecário, Marcus Rei de Lima Alves, pela estudiosa no campo da literatura, Andréa Nogueira, ocupando-se sobre a obra “Macunaíma: o herói sem nenhum caráter”, escrito por Mário de Andrade (1928) e dirigido por Joaquim Pedro de Andrade (1969). O objetivo da sessão, além de refletir um farol (lentes de visualizações) sobre um produto cultural tão significativo à nossa cultura, intuímos abordar o escritor/obra enquanto figuras do movimento modernista brasileiro. Os encontros casados entre os clubes de cinema e leitura, são ótimas ferramentas de discussão, uma vez que expõe uma obra a ser debatida sobre duas lentes representativas: o cinema e a literatura.

E, por fim, há os encontros que chamamos de especiais, como já ocorreu duas vezes durante o evento virtual Semana da Consciência Negra, nos anos de 2020 e 2021. Na primeira edição, trouxemos uma mesa-redonda sobre o filme “Estrelas além do tempo” (dirigido por Theodore Melfi e lançado em 2017), debatido pela Profa. Dra. Raquel Ortega (Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus/BA); e na segunda, o documentário “Atlântico Negro: na rota dos Orixás” (sendo uma pesquisa construída por Victor Leonardi, dirigido por Renato Barbieri e publicado em 1998), em que contamos no encontro com a participação do pesquisador envolvido na elaboração da obra e mediação de Marlei Rodrigues (Griô Marlei), moradora local.

Todos os formatos de encontros realçados nos parágrafos anteriores, foram virtuais, e, apesar de não alcançar muitos residentes de São Francisco - por conta da internet, principalmente -, foi um dos meios encontrados para que as atividades da Biblioteca Solidária não fossem interrompidas no período de isolamento social. Da mesma forma, os encontros *online* possibilitaram a participação de pessoas de outras localidades, com a presença de convidados nas edições especiais.

O bibliotecário da Biblioteca Solidária, atual coordenador do Clube de Cinema, recentemente integra o grupo “ICine - Fórum de Cinema do Interior Paulista”¹, uma rede de cineastas, produtores e exibidores, que atua na organização e fomento da atividade

¹ Disponível em: <https://www.icineforum.com.br/>. Acesso em: 04 abr. 2022.

cinematográfica de modo descentralizado, com foco no interior de São Paulo. Por meio desta rede, pretendemos estimular ainda mais as questões cinematográficas no Distrito e ruminar a possibilidades futuras com mais parcerias. Através desta rede, percebemos o quanto de políticas públicas ainda temos que construir, de modo a tornar o cinema uma arte democrática a todos os públicos.

Em síntese, há ainda dois pontos que gostaríamos de destacar em relação aos encontros do Clube: 1) na reunião, abre-se espaço para uma interpretação coletiva e a reinterpretção individual, ampliando os horizontes de análise dos sujeitos, sobretudo das temáticas abordadas; e 2) oportunidade de conhecer obras de outras categorias, lugares, que, possivelmente, a pessoa não escolheria por iniciativa própria.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As bibliotecas comunitárias, são, normalmente, resultados de iniciativas de um grupo social ou de ações particulares, como foi o caso da Biblioteca Solidária, objeto de estudo deste trabalho. São, ainda, respostas a políticas públicas ineficientes e que demarcam uma fratura social em uma comunidade. A ausência de acesso à informação e ao mundo simbólico da leitura, é quase sempre um ponto chave de discussão para a gênese de uma biblioteca comunitária. Desta forma, seguindo este exemplo, cabe a tais unidades ampliar o acesso à informação e possibilitar meios para que a comunidade tenha condições de se apropriar do mundo da leitura e de outros universos culturais.

A Biblioteca Solidária, desde seu início, atuou na construção da importância do mundo simbólico da leitura, do acesso à informação e de diferentes esferas subjetivas do campo cultural. Sempre produziu e apoiou ações em prol do Distrito que fortalecem a comunidade local, assim como suas necessidades informacionais, literárias e culturais. De um modo geral, as bibliotecas podem ser esses espaços abertos para que, a partir de conversas críticas, os membros da comunidade que a frequenta possam compreender e expandir seu papel como cidadão crítico e consciente.

Com o Clube de Cinema, não seria diferente. Para além do entretenimento - e do lazer - em assistir uma obra cinematográfica, com as discussões e as produções das subjetividades, percebemos que atuamos na mobilização de um senso crítico entre os participantes. Nas trocas sobre a produção audiovisual, os membros do clube constroem conhecimento, socializam, estimulam a reflexão, o pensamento crítico, a criatividade, o senso estético, a expressão, a conscientização política e compartilham experiências.

Identificamos, também, que os perfis dos participantes são dos mais variados, tanto pela sua cultura, contexto social e econômico. Fortalece, desta forma, a condição

intercultural dos embates discursivos. O Clube, como espaço de enfrentamento e de problematização de determinadas questões sociais, é um importante polo de conversas, que emergem a partir de conexões e sentidos compartilhados nas sessões.

Ao discutir a prática das ações culturais no âmbito das bibliotecas comunitárias, à luz dos conceitos de mediação e ação cultural, observou-se que os clubes de cinema são ferramentas com múltiplas oportunidades, como lazer, entretenimento, ação cultural, ao mesmo tempo em que trabalham compartilhamento de experiências, pensamento crítico, criatividade, senso estético, expressão, conscientização política. Desse modo, entende-se que os clubes de cinema em bibliotecas atuam na intersecção que une as obras cinematográficas, as atividades de ação cultural e o trabalho de mediação cultural e da informação.

Podemos, em síntese, afirmar que o trabalho de mediação realizado através de Clubes de Cinema oportuniza espaços de interação social que possibilitam discussão e problematização de questões sociais fundamentais, podendo ser utilizados como ferramenta para formar, desenvolver e aperfeiçoar uma visão crítica em seus participantes, favorecendo cidadãos com mais consciência social.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA JÚNIOR, O. F. A informação imprecisa e a morte do usuário. *In*: LIMA, C. R. M. *et al* (org.). **Anais do 17º Colóquio Habermas**. Rio de Janeiro: Salute, 2021. p. 10-21.

ALMEIDA JÚNIOR, O. F. Mediação da informação e múltiplas linguagens. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v. 2, n. 1, p. 89-103, jan./dez., 2009.

ALMEIDA, M. A. Mediações da cultura e da informação: perspectivas sociais, políticas e epistemológicas. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v. 1, n. 1, p. 1-23, 2008.

ALMEIDA, M. C. B. A ação cultural do bibliotecário: grandeza de um papel e limitações da prática. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 20, n. 1/4, p. 31-38, 1987.

ALVES, M. R. L. Sidnei Pereira da Rosa e a Biblioteca Solidária: um sonho realizado. **Jornal Serra da Mantiqueira**, São José dos Campos, ed. 175, p. 5, mar. 2021.

ANDRETTI, C. R.; CALEGARO, E. M.; MACHADO, M. Da lagarta para borboleta: ação cultural como estratégia de marketing no sistema integrado de bibliotecas da UNIVALI - SIBIUN. **Revista ACB**, Florianópolis, v. 13, n. 1, p. 189-200, jan./jun., 2008.

ASSOCIAÇÃO AMIGOS DA BIBLIOTECA. 2022.

BARROSO, A. G. A linha reta. **Revista Clã**, Fortaleza, n. 0, p. 33-34, dez., 1946.

BUTRUCE, D. Cineclubismo no Brasil: esboço de uma história. **Acervo**: Revista do Arquivo Nacional, v. 16, n. 1, p. 117-124, 2003.

CABRAL, A. M. R. **Ação cultural bibliotecária**: aspectos revelados pela prática. Belo Horizonte: UFMG, 1989.

COELHO, T. **Dicionário crítico de política cultural**. São Paulo: Iluminuras, 1997.

COELHO, T. **O que é ação cultural**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

FEDERAÇÃO PORTUGUESA DE CINECLUBES. **Como criar um cineclubes**. 2018. Disponível em: <https://www.fpcc.pt/>. Acesso em: 15 abr. 2022.

GOMES, A. H.; ANDRADE, L.; MAHEIRIE, K. Mediação Audiovisual e Educação Permanente: Cenas de um Percurso de Formação com Trabalhadoras do SUAS. **Psicologia: Ciência e Profissão** 2022 v. 42, e234194, 1-14.

GONÇALVES, M. G. S. A. **Biblioteca Pública do Paraná como instrumento de ação cultural**: atividades e mediação da informação. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão da Informação). Universidade Estadual de Londrina. Centro de Educação, Comunicação e Artes. Programa de Pós-Graduação em Gestão da Informação. Londrina: UEL, 2011.

GUSMÃO, M. S. O desenvolvimento do cinema: algumas considerações sobre o papel dos cineclubes para formação cultural. *In*: Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, 4, 2008, Salvador, **Anais [...]** Salvador: UFBA, 2008.

INSTITUTO DE CINEMA DE SÃO PAULO. **Cineclubes**: um espaço político, pedagógico e de formação de público. 2022. Disponível em: <https://institutodecinema.com.br/mais/conteudo/cineclubes-um-espaco-politico-pedagogico-e-de-formacao-de-publico->. Acesso em: 21 mar. 2022.

LOUSADA, M.; ALMEIDA JÚNIOR, O. F. A Mediação da Informação e a Arquivística: Aproximações Teóricas. *In*: VALENTIM, M. L.P. (org.). **Estudos avançados em Arquivologia**. Marília: Cultura Acadêmica, 2012, p. 259-274.

MUSSI, R. F. F.; FLORES, F. F.; ALMEIDA, C. B. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Práxis Educacional**, [S. l.], v. 17, n. 48, p. 60-77, 2021.

PEREIRA, R. K. G. **Clube de cinema de Fortaleza**: sociabilidade intelectual e cultura cinematográfica na cidade de Fortaleza (1948-1963). Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Ceará, 2017.

PERROTTI, E.; PIERUCCINI, I. A mediação como categoria autônoma. **Informação & Informação**, Londrina, v. 19, n. 2, p. 01-22, 2014.

SALES, P. C. O movimento cineclubista brasileiro e suas modulações na recepção cinematográfica. *In: Simpósio Nacional de História*, 28, Florianópolis, 2015, p. 01-17. **Anais [...]**. Florianópolis: UDESC, 2015.

SANCHES, G. A. R.; RIO, S. F. Mediação da informação no fazer bibliotecário e seu processo em bibliotecas universitárias no âmbito das ações culturais. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, Ribeirão Preto, v. 1, n. 2, p. 103-121, jul./dez. 2010.

SANTOS, A. P. Ações culturais na biblioteca e formação de mediadores. *In: Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação*, 18, 2017. **Anais [...]**. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/104119>. Acesso em: 26 mar. 2022.

SANTOS, J. M. Ação cultural em bibliotecas públicas: o bibliotecário como agente transformador. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 11, n. 2, p. 173-189, 2015.

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS. **Declara Área de Proteção Ambiental - Apa - Trecho da Serra da Mantiqueira no Município de São José dos Campos**. São José dos Campos, SP, 24 jun. 1992.

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS. **São Francisco Xavier**: Distrito turístico e ambiental na Serra da Mantiqueira. 2018. Disponível em: <https://www.sjc.sp.gov.br/servicos/inovacao-e-desenvolvimento-economico/turismo/sao-francisco-xavier/>. Acesso em: 21 mar. 2022.

SÃO PAULO. **Declara Áreas de Proteção Ambiental O Trecho da Serra da Mantiqueira e As Áreas Urbanas no Município de São José dos Campos**. São Paulo, SP, 08 nov. 2002.

SILVA, F. N. Etnografando a prática cineclubista: entre filmes, memórias e afetos. **BALEIA NA REDE - Estudos em arte e sociedade**, n. 10, vol. 1, 2013. p. 209-225.